

O ORIXÁ EXU EM CONTOS DE MESTRE DIDI

Sílvia Nascimento dos Santos (UNEB)

silvynhasantos2017@gmail.com

Filismina Fernandes Saraiva (UNEB)

ffsaraiva@uneb.br

RESUMO

O presente artigo faz parte dos estudos do subprojeto de pesquisa que se intitula, “Mestre Didi: identidade afro-brasileira em Contos Crioulos da Bahia” (2004), vinculado ao projeto “Mestre Didi: literatura e afro-baianidades” da Prof^a Filismina Saraiva, que objetiva contribuir para o resgate da história, cultura e memória do povo negro, bem como para a afirmação da identidade afro-brasileira. O trabalho em questão pretende analisar dois contos da obra “Contos Crioulos da Bahia”, de autoria de Mestre Didi: “O carpinteiro que perdeu o nariz” e “A vingança de Exu”, ambos os contos levam a discussão sobre Exu, o orixá mensageiro, sendo assim, será feita uma reflexão sobre a desconstrução de estereótipos a respeito da cultura negra baiana, e como os contos podem ser uma forma de afirmação da cultura de terreiro e da identidade afro-brasileira. Desse modo, o trabalho terá uma abordagem qualitativa, quanto aos procedimentos serão utilizados os da pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave:

Exu. Identidade. Mestre Didi.

ABSTRACT

This article is part of the studies of there search subproject entitled, “Mestre Didi: Afro-Brazilian identity in Contos Crioulos da Bahia” (2004), linked to the project “Mestre Didi: Literature and Afro-Bahianities” by Prof. Filismina Saraiva, that aims to contribute to there scue of Black people history, culture and memory, as well as to the affirmation of the Afro-Brazilian identity. The workin tends to analyze two short stories from Didi’s “Contos Crioulos da Bahia” (“Creole Tales from Bahia”): “The man who lost his nose” and “Exu’s revenge”. Both stories lead to the discussion about Exu, the messenger orisa. Therefore, we reflecton the deconstruction of stereotypes about Black Bahian culture and on the use of stories as a way of affirming Afro-Brazilian religious culture and identity. In this way, the work will have a qualitative approach, as for the procedures the bibliographic research will be used.

Keywords:

Exu. Identity. Mestre Didi.

1. Introdução

O presente artigo faz parte dos estudos do subprojeto de pesquisa que se intitula, “Mestre Didi: identidade afro-brasileira em “Contos Cri-

oulos da Bahia” (2004), vinculado ao projeto “Mestre Didi: literatura e afro-baianidades”, da Profª Filismina Saraiva; o mesmo objetiva contribuir para o resgate da história, cultura e memória do povo negro, tal como para a afirmação da identidade afro-brasileira. O trabalho em questão analisa dois contos da obra “Contos Crioulos da Bahia”, de autoria de Mestre Didi: “O carpinteiro que perdeu o nariz” e “A vingança de Exu”, ambos os contos levam a discussão sobre Exu, o orixá mensageiro, sendo assim, será feita uma reflexão sobre a desconstrução de estereótipos a respeito da cultura negra baiana, e como os contos podem ser uma forma de afirmação da cultura de terreiro e da identidade afro-brasileira. Desse modo, o trabalho tem uma abordagem qualitativa, quanto aos procedimentos são utilizados os da pesquisa bibliográfica.

Na primeira seção “Mestre Didi: sacerdote, artista plástico e escritor”, trazemos um pouco sobre a vida de Mestre Didi, seus principais campos de atuação e a importância de valorizar a cultura.

Na segunda seção “Desconstrução de estereótipos, afirmação da cultura de terreiro e identidade negra”, é abordado o processo de estereotipização das religiões de matrizes africanas, dando ênfase ao orixá Exu e o debate a respeito da contribuição desses estereótipos para a intolerância religiosa, bem como a importância da lei nº 10.639/2003 para a quebra desses estigmas, levando a afirmação da cultura de terreiro e identidade negra.

Na terceira e última seção, “O orixá Exu em contos de Mestre Didi”, analisamos dois contos de Mestre Didi “O carpinteiro que perdeu o nariz” (2004) e “A vingança de Exu” (2004), buscando desconstruir estereótipos relacionados ao orixá Exu e ao mesmo tempo demonstrando que a literatura de Mestre Didi promove a valorização da identidade negra e da cultura de terreiro, para isso, utiliza-se como referências as seguintes obras: *Mitologia dos orixás* (2003), e Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu (2001), ambas de Reginaldo Prandi e Caminhos de Odus: os Odus do jogo de búzios, com seus caminhos, ebós, mitos e significados, conforme os ensinamentos escritos por Agenor Miranda Rocha em 1928 e revisto por ele mesmo em 1998, organização de Reginaldo Prandi (2009).

2. Mestre Didi: sacerdote, artista plástico e escritor

Deoscóredes Maximiliano dos Santos, Mestre Didi, nasceu no dia

02 de dezembro de 1917, em Salvador - BA, filho de Arsênio dos Santos e Maria Bibiana do Espírito Santo, uma das mais importantes Iyalorixás¹⁵⁶ da história do candomblé brasileiro, a Mãe Senhora do terreiro Ilê axé Opó Afonjá¹⁵⁷. Mestre Didi é de origem real Axipá, uma das cinco famílias responsáveis pela criação da cidade de Ketú, na Nigéria. Ele destacou-se em três principais campos propagando o patrimônio cultural afro-brasileiro, sendo eles: religião, artes plásticas e literatura.

No primeiro campo, como religioso, Didi teve fundamental importância no universo místico tradicional, ele recebeu diversos cargos, o de Assobá¹⁵⁸, sacerdote do culto de Obaluaiê, orixá patrono das doenças, o de Ojé¹⁵⁹ sacerdote do culto de Egungun¹⁶⁰, sendo depois Alapini¹⁶¹, supremo sacerdote desse culto, o título hierarquicamente mais elevado dentro do culto aos ancestrais masculinos, culto Egungun.

No segundo campo, artes plásticas, com base em Alencar (2011), desde a meninez, Mestre Didi aprendeu a manusear materiais, com os primórdios dos cultos aos orixás Obaluaiê, para suas esculturas, como palha, búzios, contas, objetos de modo geral aspectos que fazem parte dos trajes dos orixás do Candomblé, utilizadas em rituais. Elementos estes que além de serem extraídos da natureza representam o sagrado, tendo como inspiração o orixá Nanã conhecida como mãe da terra lama, a patronesse da agricultura, desta forma essas esculturas expressam valores étnicos culturais e representam um grande elo entre o sagrado e o profano, assim compreende Emanuel Araújo, fundador do Museu Afro Brasil:

Didi e “suas obras são como uma união de antiga sabedoria, a expressão viva da continuidade e da permanência histórica da criação de uma nova estética que une o presente ao passado, o antigo ao contemporâneo, a abstração à figuração, formas compostas ora como totens, ora como entrelaçadas curvas [...] suas esculturas, em sua interioridade, são uma relação entre o homem e o sacerdote que detém o espírito íntimo das coisas e de como elas se entrelaçam entre a sabedoria do sagrado e do profano”. (A-

¹⁵⁶ Mãe dos orixás, zeladora do culto.

¹⁵⁷ Terreiro situado no bairro do Cabula, Salvador-Ba, o seu nome significa casa da força sustentada por Xangô.

¹⁵⁸ Sumo sacerdote do culto de Obaluaiê.

¹⁵⁹ Sacerdote do culto de Egungun.

¹⁶⁰ Espírito de ancestral.

¹⁶¹ Título do sumo sacerdote do culto aos ancestrais, Egungun.

Deste modo, as obras de Mestre Didi expressam laços com os ancestrais e as entidades divinas do panteão afro-brasileiro.

No terceiro campo de atuação de Mestre Didi, a literatura, podemos perceber que ele, também, promove a valorização da cultura e identidade afro-brasileira:

As palavras, na obra de Mestre Didi, soam como uma bela música que ouvimos em momentos de angústia. São imprescindíveis, pois conduzem harmonia e beleza rara aos ouvidos e às consciências. Formam imagens de tempos infintos, mágicos e misteriosos, no qual se construíam valores verdadeiramente humanos. Propalar e resgatar as tradições da ancestralidade é manifestar um profundo afeto às próprias raízes, mostrando às várias gerações o patrimônio artístico e cultural que foi, durante séculos, comprimido a um plano inferior. Didi, a meu ver, é Mestre universal, por várias razões, sua obra artística é esplêndida e, sobretudo, reflete a consciência límpida de uma sociedade que, também, é afro-brasileira. (PINHEIRO, 2018, p. 6)

Em suas diversas obras ele destaca a riqueza da cultura afro-brasileira e a inegável importância de valorizar os contos populares, pois revelam os saberes do povo, e é uma forma de manifestação de uma determinada sociedade que refletem os seus hábitos, usos, costumes, e pontos étnicos.

3. *Desconstrução de estereótipos, afirmação da cultura de terreiro e da identidade negra*

O povo africano capturado e enviado à força para o Brasil, para ser escravizado, no processo de colonização, conseguiu manter sua cultura religiosa originando diversas religiões afro-brasileiras, como a umbanda que teve influência das religiões indígenas, africanas e católica e o candomblé que é resultado da junção de diferentes cultos de origem africana.

Com a eugenia católica as religiões consideradas controversas começaram a ser perseguidas principalmente as de matrizes africanas, estas eram proibidas pelo estado por serem consideradas profanas, assim denominando as crenças dos negros como demoníacas, feitiçarias e magias desconsiderando a sua importância para a construção da identidade

¹⁶² Disponível em: https://www.almeidaedale.com.br/assets/pdfs/publicacoes/Mestre_Didi.pdf. Acesso em: 9 out. 2020.

nacional brasileira, “ou seja, o demônio estava em tudo aquilo que não se podia identificar ou explicar” (OLIVEIRA, 2019).

Segundo Lima (2003), “Exu, divindade transportada com os negros escravos para o Brasil, é um dos pilares principais da concepção de mundo africana”. É uma espécie de mensageiro, que tem o papel de mediador, tanto entre os próprios orixás, quanto entre os místicos e os humanos, muitas vezes Exu é descrito como travesso, fiel, justo e vingativo.

O sincretismo religioso foi uma forma encontrada para a sobrevivência e resistência da fé dos povos escravizados, santos católicos passaram a ser associados às divindades africanas, Nossa Senhora Santana com Nanã, Santa Bárbara com Iansã, e Exu o mais humano dos orixás associado à figura maligna do diabo, devido suas características, e isso acontece até os dias atuais, isto posto é preciso entender a figura de Exu para desconstruir estereótipos.

Por meio do seu estilo brincalhão, trapaceiro, vingativo e a sua representação no culto africano com falo ereto, de tamanho considerável, elemento presente na figura de Exu simbolizando a sexualidade e fertilidade, a imagem de Exu associada ao diabo cristão ganha uma personificação maligna tornando-se algo infundado e incoerente, pois, “no candomblé, não há a ideia de bem e mal como coisa inconciliável. Quem faz essa oposição é o mundo cristão. Para o afro, o bem e mal, são faces da mesma moeda e estão presentes em todas as coisas” (PRANDI, 2009).

A demonização e a marginalização das divindades africanas contribuíram para o crescimento do preconceito e intolerância, atualmente essas religiões continuam sendo perseguidas, terreiros são alvos de ataques e vandalismos constantemente. Segundo pesquisa divulgada no site Brasil de fato a respeito de ataques a religiões de matriz africana “denúncias de intolerância religiosa aumentaram 56% no Brasil em 2019”.¹⁶³

Uma das formas para a desconstrução de estereótipos é fazer valer a lei nº 10639/2003, assinada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nos estabelecimentos de ensino. O funcionamento da citada lei tem fundamental importância para desmistificar as imagens historicamente distorcidas da cultura negra e contribui para afirmação da cultura de ter-

¹⁶³ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/21/denuncias-de-intolerancia-religiosa-aumentaram-56-no-brasil-em-2019>. Acesso em: 17 de abr. 2021.

reio, bem como, o fortalecimento da identidade afro-brasileira, seguindo caminhos para superar o racismo e a intolerância religiosa. Na escola, para os educandos, através da lei 10.639/2003, é possível promover saberes sobre si, sobre o outro, o empoderamento e a resistência por meio de história sobre divindades, o conhecimento da ancestralidade, das personagens negras importantes para a construção da nossa história, o povo negro torna-se protagonista, sendo “o eu enunciador” da sua própria história, sobre isso Reis afirma:

A partir do momento que a pessoa negra se autodenomina, conhece e se identifica com outras pessoas que constituem um grupo. A partir de elementos como: história, resistência, religião, cultura e cor da pele, começa então o reconhecimento do processo de construção de sua identidade e também de resistência [...] (REIS, 2013, p. 56)

Neste sentido, os mitos afro-brasileiros são importantes para o conhecimento dos valores do mundo africano-brasileiro e contribuem para a desconstrução de estereótipos bem como, a afirmação da cultura de terreiro e identidade afro-brasileira, quando conhecemos nossa história “construímos, desconstruímos, reconstruímos e nos afirmamos” (SANTANA; SILVA; REIS. 2019.p. 27). Desta forma, partimos para a análise dos contos.

4. O orixá Exu em contos de Mestre Didi

Por muito tempo a palavra mito era entendida, apenas, como algo fictício, ilusório, errôneo, porém o sentido em que utilizamos aqui é o que Leite (2007, p. 96) traz, “o mito é uma narrativa primordial que explica comportamentos, crenças, algo com força de lei”. Desta forma o mito tem a função de traçar comportamentos, por intermédio de narrativas mostrando para determinado povo valores e princípios éticos.

Campbell (1990) vai mais além:

Os mitos têm basicamente quatro funções. A primeira é a função mística e é isso que venho falando, dando conta da maravilha que é o universo da maravilha que é você, e vivenciando o espanto diante do mistério. Os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério, para a consciência do mistério que subjaz a todas as formas. Se isso lhe escapar, você não terá uma mitologia [...] A segunda dimensão é cosmológica, a dimensão a qual a ciência se ocupa – mostrando qual a forma do universo, mas fazendo-o de uma tal maneira que o mistério, outra vez se manifesta [...] a terceira função é a sociológica – suporte e validação de determinada ordem social [...] a função pedagógica (ensina), como viver uma vida humana sob qualquer circunstância. Os mitos podem ensinar-lhe isso. (CAMPBELL,

Neste sentido, está a mitologia afro-brasileira, a função mística aborda, mais precisamente, o sagrado interligado à questão sobrenatural, a função cosmológica sobre a explicação do universo, a função sociológica diz respeito aos valores civilizatórios do povo como um todo, por fim a função pedagógica media formas de vivências e sobrevivências da vida humana.

O mito faz parte do patrimônio afrodescendente, ele tem um papel fundamental na afirmação da cultura de terreiro e para a construção da identidade negra, as obras de Mestre Didi são de fundamental importância para que a construção da identidade tenha grande êxito. Tais contos tem uma carga enorme de ancestralidade, por meio deles são possíveis ensinar e valorizar a cultura dos antepassados. Como afirma Eduardo Oliveira (2007):

A ancestralidade é como um tecido produzido no tear africano: na trama do tear está o horizonte do espaço; urdidura do tecido está o tempo. Entrelaçando os fios do tempo e do espaço cria-se o tecido do mundo que articula a trama e urdidura da existência. (OLIVEIRA, 2007 p.245)

Neste tear, como citado anteriormente, faremos a análise de dois contos de Mestre Didi, que são: “O carpinteiro que perdeu o nariz” (2004) e “A vingança de Exu” (2004), ambos de fundamental importância para afirmação da cultura de terreiro e do povo negro através do mito, iniciaremos com o último citado, que aborda diversas questões sobre o orixá Exu.

O conto “A vingança de Exu” (2004), conta a história de um senhor de engenho dono da maior criação de galinhas, certa vez zangado com um pinto chamou-o de Exu, por vingança, Exu começou a agir sobre o pinto. O tal pinto quando cresceu recebeu o nome de Maioral, pois qualquer outro galo que chegava no terreiro ele matava. Passaram-se alguns anos e com a queda da produção, o senhor decidiu averiguar o que estava acontecendo, ouvindo do zelador o histórico de Maioral e não acreditando, pediu para que comprassem um galo de boa raça e forte. Conforme o pedido, o zelador comprou o galo de raça, como já esperado, Maioral em um piscar de olhos matou o galo. Sem compreender o ocorrido, o senhor pede ao criado que vá a casa do Oluwô¹⁶⁴ para fazer uma consulta na tentativa de desvendar o mistério. A partir de então, o senhor

¹⁶⁴ O olhador, o que joga os búzios e o opeléfá.

toma conhecimento que o que vinha ocorrendo era porque há muito tempo chamou o pinto de Exu, desta forma, deveria oferecer um ebó para Exu pedindo perdão pela falha, despachando o ebó¹⁶⁵, Maioral começou a dar-se bem com todos os galos e a produção do senhor de engenho voltou a ser como antes.

Logo no início, podemos comparar algumas características do galo, descrito no conto, com as do Orixá Exu, vejamos: “De galo só existia um da terra, muito bonito, que era o pai do terreiro. Quando esse galo era pinto, ele só andava traquinando por dentro da casa do engenho” (DIDI, 2004, p. 48), podemos comparar a característica de liderança de Maiorial com Exu através do mito “Exu respeita o tabu e é feito o decano dos orixás”:

Exu era o mais jovem dos orixás. Exu assim devia reverência a todos eles, sendo sempre o último a ser cumprimentado. Mas Exu almejava a senioridade, desejando ser homenageado pelos mais velhos. Para conseguir seu intento, Exu foi consultar o babalaô. Foi dito a Exu que fizesse sacrifício. Deveria oferecer três *ecodidés*, que são as penas do papagaio vermelho, três galos de crista gorda, mais quinze búzios E azeite-de-dendê e *mariô*, a folha nova da palmeira. Exu fez o *ebó*. E o adivinho disse a ele para tomar um dos *ecodidés* E usá-lo na cabeça, amarrado na testa. E que assim não poderia por três meses carregar na cabeça o que quer que fosse. *Olodumaré* disse então que queria ver todos os orixás, queria saber se eles estavam dando conta da Terra Das missões que *Olodumare* a eles atribuíra. *Oxu*, a Lua, foi buscar os orixás. Todos os orixás se prepararam para o grande momento, A grande audiência com *Olodumare*. Todos trataram de preparar sua oferenda, fizeram suas trouxas, seus carregos, para levar tudo para *Olodumare*. E cada um foi com a trouxa de oferendas na cabeça. Só Exu não levava nada, porque estava usando o *ecodidé* E com *ecodidé* não podia levar nenhuma carga no ori. Sua cabeça estava descoberta, não tinha gorro, nem coroa, nem chapéu, nem carga. *Oxu* levou os orixás até *Olodumare*, quando chegaram ao *Orum* de *Olodumare*, todos se prostraram. Mas *Olodumare* não teve que perguntar nada a ninguém, pois tudo o que ele queria saber, lia nas mentes dos orixás. Disse ele: “Aquele que usa *oecodidé* foi quem trouxe todos a mim. Todos trouxeram oferendas e ele não trouxe nada. Ele respeitou o tabu E não trouxe nada na cabeça. Ele está certo. Ele acatou o sinal de submissão. Doravante será meu mensageiro, pois respeitou e *euó*. Tudo o que quiserem de mim, que seja mandado dizer por intermediário de Exu. E então por isso, por sua missão, que ele seja homenageado antes dos mais velhos, porque ele é aquele que usou o *ecodidé* E não levou o carregos na cabeça Em sinal de respeito e submissão”. Assim o mais novo dos orixás, O que era saudado em último lugar, passou a ser o primeiro a receber os cumprimentos. (PRANDI, 2003, p. 41-42)

¹⁶⁵ Sacrifício ou oferenda.

Exu é decano dos orixás, pois ele sendo mensageiro “dono “das ruas e encruzilhadas nada acontece sem o intermédio dele. Maioral nome do galo líder do terreiro possui o mesmo perfil de liderança, autoridade, e chefe do rebanho, “Maioral por ser galo terraço estava pronto para enfrentar e combater o inimigo” (DIDI, 2004, p. 52) assim como Exu, que é visto como vigilante, protetor contra os inimigos. É a “divindade dos caminhos horizontais e verticais” estabelecendo a ligação entre força divina e seres humanos.

Exu é um orixá conhecido por ser vingativo: “Exu ouvindo aquilo começou a agir atuando sobre o pinto até quando se tornou galo, por vingança” (DIDI, 2004 p.48). Mais uma vez podemos destacar o mito “Exu promete guerra entre família” que evidenciam essa característica de Exu:

Um rei e sua família deixaram de prestar as homenagens devidas a Exu. Exu não se deu por vencido. Haveriam de pagar bem caro pela ofensa! Exu procurou a rainha, que vivia enciumada porque o rei Só se interessava pela esposa mais nova. Disse-lhe que faria um feitiço para ela voltar a ter a preferência do marido. Deu a ela uma faca e disse que cortasse um fio de barba do rei Para fazer o tal trabalho. Exu foi à casa do príncipe herdeiro e disse que o pai queria vê-lo aquela noite; que fosse ao palácio e levasse seus guerreiros. Exu foi ao rei e disse que tomasse cuidado, porque a rainha planejava matá-lo aquela noite. O rei se recolheu aquela noite, mas ficou acordado, esperando. Viu então a rainha entrar no quarto E dele se aproximar com a faca na mão. Imaginou que ela pretendia matá-lo E engalfinhou-se com ela numa luta feroz. O príncipe, que chegava ao palácio com seus homens, ouviu o barulho e correu à câmara real com os soldados. Viu o rei com a faca na mão, Faca que tirara da rainha na luta, E pensou que o rei ia matar a rainha sua mãe. Invadiu o quarto com os soldados. Seguiu-se grande mortandade. O preço fora pago, e alto. Exu cantava. Exu dançava. Exu estava ligado. (PRANDI, 2003, p. 51-2)

Este mito tem relação com as questões que aparecem no conto de Mestre Didi, Exu por vingança promove atrito entre Maioral e os outros galos do terreiro, provoca prejuízos ao dono da fazenda, no mito, Exu arma uma confusão entre família fazendo seus membros acreditarem que pretendem assassinar um ao outro. Exu assim como o ser humano é vingativo, pois é o orixá mais semelhante com os seres humanos “Exu é o nosso interior, é a nossa intimidade, o nosso poder de ser bom ou mau, de acordo com a nossa própria vontade. Exu é o ponto mais obscuro do ser humano e é, ao mesmo tempo, aquilo que existe de mais óbvio e claro”. (BARCELLOS, 2002, p. 51).

Os ebós citados no conto são oferendas ou sacrifícios realizados para forças afro-brasileira divinas, o principal orixá que recebe ebós é Exu, “a boca que tudo come” (FERNADES, 2017, p. 1) como forma de

agradecimento pelos pedidos concretizados:

O ebó é o sacrifício, o ato litúrgico de comunhão, de encontro entre habitantes do aiyé (céu) e habitantes do orun (terra). O sacrifício fratura a acumulação e a detenção do poder, provoca a restituição, a reparação e o equilíbrio que dá novo impulso ao processo da vida. Transportado por Exu, o ebó dinamiza as relações e permite a expansão. [...] em outras palavras, o ebó deve ser realizado para manter, fortalecer e renovar o axé. Este é a força que possibilita a vida. É o poder de realização, transmitido através da combinação de elementos materiais do branco, do vermelho e do preto, emana do através do hábito dos mais velhos. (FERNANDES, 2017, p. 21)

Desta forma, não realizando o pagamento Exu cobra, muitas vezes de forma vingativa e severa, Exu vinga-se de todos aqueles que o esquece, como é mostrado no conto:

[...] E, para ficar bem com Exu, foi logo despachar o ebó, correspondente para amenizar a sua situação. Tempos depois do nego ter despachado o ebó. O Maioral, passou a se dar bem com todos os galos que apareciam no terreiro, normalizando toda a situação e dando uma grande e incalculável produção ao senhor dono do engenho. (Didi, 2004, p. 54)

Cumprir os deveres com Exu é preservar a harmonia entre o divino e o humano, continuemos falando sobre Exu na análise do próximo conto de Mestre Didi, “O carpinteiro que perdeu o nariz”.

O conto “O carpinteiro que perdeu o nariz” conta a história de um carpinteiro negro que não tinha prosperidade, em uma certa noite sonhou com um rapaz vestido num calção preto, sem camisa e com um gorro vermelho, no sonho o mesmo dizia realizar todos os seus desejos, porém com uma única condição, ao receber seu primeiro salário deveria fazer um ebó para Exu, caso contrário ele perderia o seu nariz. O sonho se concretizou, contudo, o carpinteiro não apresentou a oferenda referida no sonho, conseqüentemente a promessa se cumpriu, e o carpinteiro perdeu seu nariz.

O conto “O carpinteiro que perdeu o nariz” aborda diversas questões sobre o orixá *Exu*, iniciemos com a comparação da caracterização da vestimenta do rapazola que aparece no conto com as cores do Orixá Exu “[...] um rapazola vestido com um calção preto, nu da cintura para cima e com um gorro vermelho” (DIDI 2004 p.40), as cores usadas pelo personagem tem ligação com as características de Exu, pois o preto e o vermelho são suas cores principais. O babalorixá¹⁶⁶, pai de Santo, da casa Ilê

¹⁶⁶ Pai de santo, sacerdote das religiões afro-brasileiras.

Asé Oba Torun¹⁶⁷, Ricardo Ruivo, explica que “a cor preta representa o silêncio e a resignação, já o vermelho representa a energia e a vida esses dois tons também podem correlacionarem com o fogo e a terra, elementos de *Exu*.”¹⁶⁸

No conto, como forma de agradecimento, pelos desejos realizados, *Exu* pediu que com o primeiro dinheiro recebido do trabalho o carpinteiro fizesse um *ebó* com os seguintes ingredientes: “*akukókan*¹⁶⁹, *igímêjê*¹⁷⁰, um pouco de *epôpupá*¹⁷¹, sete *ekó*¹⁷², *itanākan*¹⁷³, *ixaná*¹⁷⁴, *axá*¹⁷⁵ e *owôeyo*¹⁷⁶” (DIDI, 2004 p. 42).

Todos os elementos citados fazem parte dos Odus, signos de Ifá, por meio de consulta com jogos de búzios é possível desvendar o futuro de uma pessoa possibilitando refletir sobre escolhas e atitudes já que os Odus não têm o poder de alterar o destino. No Brasil, os odus jogados nos búzios são 16, sendo eles: *ocanrá*, *ojiocô*, *etaogunda*, *irossum*, *oxé*, *obará*, *odi*, *ejionielê*, *ossá*, *ofum*, *ouoren*, *ejela-xeborá*, *ejilogbom*, *icá* e mais dois que não apuram, os Odus podem ser positivos ou negativos, destes a maioria dialogam com *Exu*. (ROCHA, 2019).

Os *ebós* são ordenados após estudo dos Odus que aparecem no jogo de búzios para que o indivíduo realize a oferenda pela causa necessária. Segundo Rocha (2019, p. 29), “é de notar que estes Odus são compreendidos como analogias históricas, em ordem e formas percentuais. Como diz o *iorubá*, só se pode justificar um fato com uma história analógica”.

¹⁶⁷ Centro espírita Antônio de Pádua em Brasília.

¹⁶⁸ Matéria Disponível em: <http://jornalismo.iesb.br/2015/08/16/babalorixa-explica-o-significa-do-das-cores-e-roupas-candomble/> Acesso 13 abr. 2021.

¹⁶⁹ Galo.

¹⁷⁰ Sete pauzinhos.

¹⁷¹ Azeite de dendê.

¹⁷² Acacá. Alimento preparado com a farinha do milho-branco. Nos *candomblés*, é apresentado sob diferentes formas, sólida e líquida. É a mais saborosa de todas as comidas.

¹⁷³ Vela.

¹⁷⁴ Fósforo.

¹⁷⁵ Fumo.

¹⁷⁶ Búzios da costa.

Do ebó que o carpinteiro deveria oferecer a Exu, O igímêjê (sete pauzinhos) e o ixañā (fósforos) pertencem ao primeiro Odu, ocanrã, a voz é de Exu, representam “movimento, barulho, alvoroço, visita estranha, negatividade, aceitação imediata e prosperidade instantânea” (ROCHA, 2019, p.171).

O akukókan (um galo) faz parte do quarto Odu, chamado odi, os orixás Ogum e Oxaguiã que falam e exprimem “dificuldades, caminhos fechados aviso rápido, recompensa bem-estar futuro de forma espantosa” (ROCHA, 2019, p. 171).

O ebópupá (azeite de dendê) e sete ekó (acaçá) simbolizam a “imaginação, choro, dificuldade na vida, peregrinação próxima, prevenção, cautela, brilhante futuro” (ROCHA, 2019, p. 171). Referente ao Oduirossum com fala de Oxóssi, Iansã, Egum e Iemanjá.

O ingrediente Oduowôeyo (búzios da costa) pertence ao Oduouorim, e além de Exu dialoga com Iansã. Representa “supressa, ingratidão, vingança oculta, dificuldade de ter o que deseja, acha se tudo que se quer por meio de muito esforço, satisfação com aquilo que deseja ter” (ROCHA, 2019, p.172). Já os ingredientes itañakan (uma vela) e axá (fumo picado) que aparecem no conto foram os únicos não identificados na lista dos Odus apresentada por Agenor Miranda Rocha. Importante destacar que só o sacerdote, o oluô¹⁷⁷ saberá interpretar os odusde acordo com a necessidade da pessoa, uma vez que os significados de cada um dos odus tem múltiplos significados, às vezes até contraditórios, tendo um lado positivo e um lado negativo.

Depois de inúmeros avisos o personagem do conto de Mestre Didi, o carpinteiro, continuou ignorando Exu, “e o nego só trabalhando. Largando uma obra e pegando outra, e nada de querer ou lembrar de dar o presente de Exu” (DIDI, 2004, p.44) esquecendo que para haver harmonia entre os homens é necessário ser fiel a Exu dando comida antes de tudo. Caso contrário, o lado vingativo de Exu desperta “agora vou cumprir minha palavra e você vai ficar sem seu nariz, para nunca mais esquecer, enquanto tiver vida, de que quem deve a Deus paga ao Demônio” (DIDI 2004, p. 46). O ditado popular citado, mostra que Exu é justo e imparcial com todos, a forma que ele age depende das escolhas de cada pessoa, somente quem alimenta Exu recebe sua proteção.

¹⁷⁷ Sacerdote do culto de Ifá. Guia espiritual que pratica adivinhação por meio de búzios.

5. Considerações finais

Este trabalho permitiu a ampliação do conhecimento a respeito da cultura afro-brasileira, buscando obras que são referências nesse campo de estudo, como as do Alipini Mestre Didi, que abordam questões culturais, do povo de terreiro, sua memória e ancestralidade.

A vida e a obra de Didi são de fundamental importância para a compreensão da ancestralidade, não é à toa que Mestre Didi é considerado um patrimônio imaterial. O mestre persistiu não permitindo que a cultura nagô fosse esquecida e os seus contos “nos fazem entrar em contato com nossa ancestralidade, nossa cultura e nos fazem lembrar o que foi esquecido para fortalecer o que é lido e lembrado” (CAJÉ, 2017, p. 113).

Também foi possível desconstruir estereótipos a respeito de *Exu*, e compreender sua grande importância para a comunicação com o mundo místico, bem como para a afirmação do terreiro e da identidade negra. *Exu* não é injusto, através dele cada um colhe o que plantou.

Desta forma, Mestre Didi e suas obras são uma riqueza cultural, suas obras contêm saberes do povo e seus valores. Com Mestre Didi aprendemos a importância de valorizar nossos antepassados e as histórias que eles carregam, de resgatar as tradições e ir em busca das raízes, deste modo faz parte da nossa identidade através dela podemos nos constituir como seres humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFRO. *Mestre Didi*, 2000. Disponível em: <https://projetoafro.com/artista/mestre-didi/>. Acesso em: 02 fev. 2021.

ALENCAR. Valéria P. *Arte afro-brasileira*. 2011. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/arte-afro-brasileira-mestre-didi.htm>. Acesso em: 02 dez. 2020.

ALMEIDA E DALE. *Mestre Didi: Mo KI Gbogbo in (eu saúdo a todos)*. Disponível em: https://www.almeidaedale.com.br/assets/pdfs/publicacoes/Mestre_Didi.pdf. Acesso em: 9 out. 2020.

BARCELLOS, Mario César. *Os Orixás e o segredo da vida: lógica, mitologia e ecologia*. Rio de Janeiro. Pallas: 2002.

BRANDÃO, Alessandra. *Babalorixá explica o significado das cores e roupas do candomblé*. Jornalismo IESB, 2015. Disponível em:

<http://jornalismo.iesb.br/2015/08/16/babalorixa-explica-o-significado-das-cores-e-roupas-candomble/>. Acesso em: 13 abr. 2021.

BENISTE, José. *Dicionário e Yorùbá-Português*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CAJÉ. Antônio Marcos dos Santos. Um olhar epistemológico nos contos afro-brasileiros de Mestre Didi. *Revista Vozes*, Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/mphistoria/>. Acesso em: 2 out. 2020.

CAMPBELL, Joseph. Betty Sue Flowers (Org). *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

FERNANDES, A. de O. Em narrativas amadianas, Exu: a boca que tudo come. *Revista Criação Crítica*, n. 18, p. 20-37, 2017. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.v0i18p20-37. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/128857>. Acesso em: 02 fev. 2021.

LEITE. Gildeci de Oliveira. Literatura e Mitologia afro-baiana: encantos e percalços in: GORDINHO. Luis e SANTOS. *Recôncavo baiano: Educação, cultura e sociedade*. Flávio (Orgs) Bahia: edCian, 2007 p. 95-101.

LIMA, Alexandre L. L. *Exu: uma divindade africana no Brasil*. Monografia de Graduação (Bacharelado) em Ciências Sociais. UNESP – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Cida de. Por que os cultos de matriz africana são alvos de intolerância religiosa. *Rede Brasil Atual*, 2019. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/10/religoes-matriz-africana-intolerancia/>. Acesso em: 22 out. 2020.

OLIVEIRA, Eduardo. *Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.

PINHEIRO, Giovanna S. *Mestre Didi: entre o mito e a palavra falada*. Literafro. 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/28-critica-de-autores-masculinos/327-mestre-didi-entre-o-mito-e-a-palavra-falada-critica> acesso em: 05 out. 2020.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. *Revista USP*, n. 50, p. 46-63, 2001. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i50p46-63. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35275>. Acesso em: 6 out. 2020.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Campanha das

Letras, 2003.

PRANDI, Reginaldo: *entrevista* [jan. 2009]. Entrevistadora: C. Montea-gudo. Rio de Janeiro: Extra Notícias. Demonização de figuras do can-domblé foi construído desde a chegada do colonizador português à Áfri-ca. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/demonizacao-de-figuras-do-candomble-foi-construida-desde-chegada-do-colonizador-portugues-africa-229778.html>. Acesso em: 03 abr.2021.

REIS, Maria da Conceição. *Educação, identidade e história de vida de pessoas negras doutoras do Brasil*. Universitária UFPE, 2013.

ROCHA. Agenor Miranda. Caminhos de Odu: os odus do jogo de bú-zios, com seus caminhos, ebós, mitos e significados, conforme ensina-mentos escritos por Agenor Miranda Rocha em 1928 e por ele mesmo revistos em 1998. In: PRANDI. Agenor (Org.). Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

SANTANA. Raphael; SILVA. Allyne; REIS, Maria da Conceição. *A im-plementação da Lei nº 10.639/2003 e o Processo de Afirmação da Iden-tidade de Estudantes Negras na Prática Pedagógica de uma Escola Mu-nicipal de Olinda-PE. 2019*. Trabalho de Conclusão de Curso (Gradua-ção em Pedagogia) – Universidade Federal de Pernambuco.

SANTOS, Deoscorédes Maximiliano. Mestre Didi. *Contos Crioulos da Bahia – Creole Tales of Bahia – Àkójopò Ìtàn Àtenudénu Ìran Omo OdùduwàniIlè Bahia (Brasîl)*: Salvador: Núcleo Cultural Níger Okàn, 2004.

SOUZA. Marina D. *Denúncias de intolerância religiosa aumentaram 56 no Brasil em 2019*. Brasil de fato. 2020 Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/21/denuncias-de-intolerancia-religiosa-aumentaram-56-no-brasil-em-2019>. Acesso em: 17 de abr. 2021.